

População de rua e cidadania: deslizes e acertos na cobertura midiática ¹

Suzana Rozendo BORTOLI²

Resumo

Sob a perspectiva da cidadania, este trabalho tem como finalidade analisar uma parte da edição do dia 10 de maio de 2013 do *Globo Repórter*, voltada à população de rua. Através da avaliação do material jornalístico, atrelada a uma revisão bibliográfica e a estudos etnográficos realizados em anos anteriores pela pesquisadora, procuramos tecer algumas reflexões sobre os acertos e os deslizes na cobertura midiática de pessoas em situação de rua. Defendemos que os profissionais da imprensa devem desmistificar as ideias enraizadas pelo censo comum, porém, muitas vezes, acabam reforçando estereótipos.

Palavras-chave

Globo Repórter; População de rua; Jornalismo; Mídia; Cidadania.

Globo Repórter: breve histórico

O *Globo Repórter* é um programa jornalístico brasileiro que faz parte da programação televisiva da *Rede Globo*. Com periodicidade semanal (atualmente às sextas-feiras, a partir das 22h), duração de uma hora e dividido em blocos, o programa foi ao ar pela primeira vez em 1973, conforme informações do próprio site³, com o objetivo de dar destaque a diversos acontecimentos do Brasil e do mundo que não podiam ser detalhados nos telejornais, devido à falta de tempo.

Em 1982, José Hamilton Ribeiro foi o primeiro jornalista a aparecer no vídeo; antes a condução das matérias era feita apenas por uma narração em *off*. Em 1986, o jornalístico passou a exibir reportagens mais longas sobre diversos temas e a audiência era formada, sobretudo, pelas classes A e B. Em 1993, a produção mudou de estratégia e resolveu adotar apenas um assunto por edição.

A partir de 1996, graças ao aumento da audiência das classes C e D, o programa começou a tratar de temáticas mais abrangentes, com destaque para ecologia e natureza de

¹ Trabalho apresentado na modalidade Artigo Científico na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Doutoranda do PPGCOM/ECA/USP da linha de pesquisa “Informação e mediações nas práticas sociais”. E-mail: suzanarozendo@usp.br.

³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/>>. Acesso em: 20 maio 2013.

localidades distantes dos grandes centros urbanos do Brasil, tais como o Pantanal e a Amazônia. Nos últimos anos, abriu espaço para outros assuntos: biodiversidade, saúde, corpo humano, nutrição, relacionamentos, adoção, tecnologia, terceiro setor e solidariedade.

A edição do dia 10 de maio de 2013 foi voltada a “moradores de rua”, assunto pouco explorado pelo programa, se comparado, por exemplo, à quantidade de episódios sobre bichos da região Antártica. O termo “moradores de rua” foi colocado entre aspas propositalmente e o motivo será explicado mais adiante.

Nosso objetivo é fazer a análise de uma parte⁴ deste programa sob a ótica da cidadania. Raquel Paiva (2012) nos lembra que esse conceito surgiu num contexto histórico marcado pelas transformações do poder tradicional (na mudança da sociedade medieval para a era moderna), no momento em que foram instauradas regras para a constituição da nova ordem social destinada a substituir o trabalho servil pelo trabalho livre. De lá pra cá, muitas foram – e são – as variações da noção deste termo.

Roberto da Matta (1997) explica que a palavra “cidadão” é usada, no Brasil, sempre em situações negativas, para marcar a posição de alguém que está em desvantagem ou inferioridade. O autor acrescenta que a comunidade brasileira é heterogênea, hierarquizada e cheia de contrastes, mas, perante a lei, todos são iguais, o que torna esse tipo de estudo complexo.

Assim, diante de tantas possibilidades de interpretações, é importante explicar que este texto se identifica com o conceito de cidadania relacionado à universalização dos direitos do homem. Para isso, tomaremos como base alguns artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948): artigo 1º (Todas as pessoas devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade); 2º (Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição); 3º (Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal); 5º (Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou

⁴ O objetivo inicial era analisar os cinco blocos do programa (que mostrou a população de rua sob diversos ângulos). Porém, para que fosse possível tecer comentários meticolosos, optamos por abordar apenas o primeiro bloco.

castigo cruel, desumano ou degradante) e 18 (Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião).

Vida nas ruas

O jornalista Pedro Bassan participou do *Globo Repórter* do dia 10 de maio de 2013 explorando o tema “vida nas ruas” na cidade do Rio de Janeiro. Seu texto de abertura falou de uma metrópole agitada durante o dia, que diminui o ritmo ao anoitecer. As imagens de passos apressados dos trabalhadores regressando para suas residências contrastaram com aquelas de pessoas que não têm para onde ir.

O repórter escolheu contar a história de Renato Giannattasio, em situação de rua desde que perdeu a habitação, o emprego e o carro devido ao uso de drogas, há sete meses. Apesar de passar a semana dormindo nas calçadas, aos sábados e domingos recebe a permissão para ir para a casa da mãe e do padrasto. E aqui começa a nossa primeira crítica deste bloco (e a explicação das aspas no termo “moradores de rua” na introdução do texto).

Durante toda a reportagem, Bassan se referiu a Renato e a outros homens como “moradores de rua”. Entretanto, Vieira, Bezerra e Rosa (1994) explicam que existem as pessoas que *estão* e as que *ficam* nas ruas (circunstancialmente) e as que *são* de rua (permanentemente). Essas últimas, sim, podem ser chamadas de “moradoras de rua” porque escolheram viver no espaço público, estão cronicamente inseridas neste *habitat* e não almejam morar em uma casa; a circunstância é irreversível.

O que queremos pontuar é que cada termo é carregado de um significado diferente (morador de rua, pedinte, andarilho, trecheiro) e alguns vocábulos, mesmo que sem intencionalidade, são empregados pela mídia de forma inadequada, corroborando para a estigmatização de quem faz da rua seu local provisório de moradia e trabalho.

Como defendem Mattos (2006) e Rozendo (2012), a expressão mais adequada para se utilizar no caso de Renato seria “em situação de rua”, pois, como revela a história, ele *fica* durante cinco dias da semana dormindo em logradouros públicos e o fato de não morar permanentemente com sua família é devido ao vício, alheio à sua própria vontade.

Se considerarmos que a dependência química é uma doença tratável, sua situação é reversível. Depois de um tempo, caso receba atendimento médico, psicológico, apoio familiar

e tudo o que for necessário, Renato Giannattasio pode voltar aos padrões normais considerados socialmente, ter em uma casa, um trabalho e constituir uma família. Além disso, nos parece razoável adotar essa expressão, pois ela ajuda a compreender que a vida nas ruas pode ser transitória.

Em uma parte de seu depoimento, Renato contou que: “As pessoas ficam olhando, criticam, olham para você com cara de nojo. Eu já andei de terno e gravata. Eu ganhava, no salário de hoje, R\$ 8 mil por mês⁵” (informação verbal). Essa fala nos remete a dois fenômenos históricos que atingem sujeitos economicamente pobres: a humilhação social e a reificação, processo no qual as pessoas sem grandes poderes aquisitivos e sem qualificação de trabalho são vistas como coisas e não como pertencentes à espécie humana (COSTA, 2004).

Importante salientar também que, no processo de urbanização, as calçadas foram construídas para a circulação e não para a permanência de pessoas. Na transição da cidade colonial para a cidade moderna, as habitações foram criadas para impor um modelo desejável de moradia, privatizado e unifamiliar (LANNA, 1996). Desde então, morar em uma casa é o normal. Morar na rua é o desvio da normalidade, por isso, os transeuntes olham de soslaio para Renato.

Continuando a reportagem, Pedro Bassan entrevistou a mulher que, por um voto de pobreza, viveu durante um ano nas ruas: Mary de Calcutá, missionária da *Aliança de Misericórdia*, movimento religioso que promove ações de caridade. O jornalista também conversou com outros missionários, que, voluntariamente, dormem nas ruas nos finais de semana.

Utilizando-se do gênero gonzo de jornalismo⁶, o repórter se juntou aos missionários e experimentou passar uma noite numa rua central do município do Rio de Janeiro. No site do programa, o título enobreceu a iniciativa: “Pedro Bassan dorme sob marquises e experimenta dificuldades de quem não tem quase nada”. No vídeo, o repórter declarou: “Vou passar pela

⁵ Disponível aos 58s em: < <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/05/pedro-bassan-dorme-sob-marquises-e-experimenta-dificuldades-de-quem-nao-tem-quase-nada.html>>. Acesso em: 20 maio 2013.

⁶ O jornalista Hunter S. Thompson é considerado o pioneiro do jornalismo gonzo, narrativa na qual o repórter se insere no ambiente a ser retratado e, para isso, deixa de lado alguns códigos deontológicos da profissão.

mesma experiência que os missionários, e sentir por uma noite o que eles passam⁷ (informação verbal). Em seguida, entrou em contradição:

Estamos chegando agora para passar a noite na rua aqui debaixo da marquise. Estamos instalando nossos equipamentos, primeiro o microfone, a câmera no começo vai ficar no carro para que a gente chegue sem assustar os *moradores*, para mostrar o nosso trabalho e também eu vou levar comigo outra câmera para registrar o meu diário dormindo com os *moradores* (informação verbal, grifo nosso)⁸.

Ao que parece, no primeiro momento, o repórter diz-se interessado em saber o que eles – os missionários – passavam e não os personagens-chave da edição do programa, as pessoas em situação de rua. Além disso, o jornalista estava amparado por sua equipe de reportagem, que, de longe, filmava tudo o que acontecia. Outro ponto importante é que o local escolhido para a experiência foi privilegiado: ao lado do Tribunal da Justiça, em uma praça cercada por câmeras, sob a vigilância de um carro da polícia.

Devido a todo esse apoio, Bassan não chegou nem perto da subjetividade de quem não tem quase nada – como diz no site - porque o medo da violência e a insegurança de dormir ao relento não foram grandes problemas para ele. Entretanto, no dia a dia, o cenário é outro. Em um estudo realizado durante todo o ano de 2008, no município de Campo Grande/MS, para a produção do videodocumentário “Droga de Rua”⁹, descobrimos que um dos maiores medos da população de rua é sofrer algum atentado violento durante o sono.

Temem a morte por tiro, paulada, facada e, principalmente, fogo. Como estratégia de sobrevivência, essas pessoas andam em grupos ou preferem circular sozinhas e dormir escondidas em matagais, terrenos baldios ou malocas. Outras, assim que conseguem algum dinheiro, procuram pensões de baixo preço para pernoitar. De acordo com Frangella (2004), o dormir na rua exprime o mais alto grau de vulnerabilidade corporal desse segmento e o atear fogo nos habitantes de rua, com seu efeito rápido, irreversível, doloroso e extensivo ao corpo

⁷ Disponível aos 3min5s em: < <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/05/pedro-bassan-dorme-sob-marquises-e-experimenta-dificuldades-de-quem-nao-tem-quase-nada.html>>. Acesso em: 20 maio 2013.

⁸ Disponível aos 3min12s em: < <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/05/pedro-bassan-dorme-sob-marquises-e-experimenta-dificuldades-de-quem-nao-tem-quase-nada.html>>. Acesso em: 20 maio 2013.

⁹ O documentário “Droga de Rua” foi apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 2008. Através de uma pesquisa etnográfica, registramos, durante um ano, a rotina de pessoas que estavam vivendo nas ruas de Campo Grande e os caminhos possíveis para voltar aos padrões de vida considerados normais.

todo, é a tentativa de destituir a única coisa que resta a quem vive nas ruas: o corpo (FRANGELLA, 2004).

Prosseguindo, Bassan se mostrou surpreso com a quantidade e a qualidade das refeições que recebeu de uma caravana pertencente a uma instituição religiosa: primeiro uma marmita com arroz, carne moída, legumes e farofa e, depois, uma sopa de legumes e linguiça. Além disso, notou que não apenas as pessoas em situação de rua pegavam essas “quentinhas”, mas também aquelas possuidoras de casa e família iam para as filas de distribuição levando seus *tupperwares* porque dependiam daquelas refeições para sobreviver.

Esse tipo de prática (entrega de alimentos ou de agasalhos nas noites de inverno) é muito comum nas grandes cidades. Os locais, dias e horários são, geralmente, os mesmos. Entre a população em situação de vulnerabilidade social e econômica existe uma troca de informações dos pontos de distribuição de comida pelas associações religiosas, de caridade e filantrópicas, de modo que, muitas vezes, é possível garantir pelo menos uma das refeições do dia grátis.

Em estudos anteriores, percebemos que quando essas caravanas chegam, a esquina vazia vai ficando cheia e uma enorme fila se forma. Depois da distribuição, existe um tempo de sociabilidade no qual homens e mulheres, enquanto saboreiam a comida, interagem-se, contam histórias, piadas, flertam e jogam baralho. Após algumas horas, o burburinho dá lugar ao silêncio, a multidão se espalha pelas ruas e o ponto volta a ficar ermo.

Mostrar que existem várias ações solidárias foi um mérito da reportagem porque ajudou a derrubar a ideia preconcebida que as pessoas têm de que quem está em situação de rua passa fome constantemente. Tal passagem também nos faz lembrar um velho ditado: “não se deve dar o peixe, mas ensinar a pescar”.

Ao mesmo tempo que dar de comer ou de vestir aos pobres de rua é considerado um ato de fraternidade, graças a essas assistências, muitas pessoas acabam se acostumando e se acomodando com a vida de rua. É o que revelou Francisco Assunção, em 2008, com 22 anos, no “Droga de Rua”. Filho de pais separados, família baixa renda e desestruturada, Francisco perambulava pelas cidades desde a infância e, ao se aproximar da maioridade, não tinha interesse em arrumar um trabalho: “Acostumava a viver aquela vida boa, aquela vida que você não fazia nada, não trabalhava, você tinha tudo na mão¹⁰” (informação verbal).

¹⁰ Disponível aos 31min22s em: < <http://suzanarozendo.blogspot.com.br/2009/09/documentario-droga-de-rua.html>>. Acesso em: 20 maio 2013.

Soma-se a isso a facilidade em arranjar dinheiro nas ruas, conforme contou “Ninja”, outro personagem do videodocumentário. Ele nos disse que conseguia arrecadar, em um único dia, 250 reais apenas “cuidando” dos carros estacionados ao redor de uma igreja do município de Campo Grande. E debochou: “Tá na rua porque quer, quem não tem vergonha na cara¹¹” (informação verbal).

É importante salientar que a população de rua é heterogênea, formada por pessoas de boa e de má índole, trabalhadores e desocupados, mocinhos e vilões; portanto essas declarações não estão em consonância com os discursos de todos os sujeitos que fazem parte desse enorme universo composto por indivíduos que *ficam*, *estão* ou *moram* nas ruas. Também é preciso levar em conta que muitos cidadãos querem um emprego formal, mas acabam não conseguindo por não terem domicílio fixo ou documentos (que, em geral, são furtados ou perdidos).

Sem nenhuma documentação, também ficam impedidos de ter acesso a serviços públicos, como explica Juliana Moreira, defensora pública no Rio de Janeiro:

O registro é a representação da existência legal dos indivíduos, condição fundamental ao exercício da cidadania. E muitos dos cadastrados que não têm documentos têm filhos, e estes não podem se matricular em escolas por isso. Essas pessoas também são privadas de atendimento em hospitais, pois sem documento não entram. Eles têm que ter registro de nascimento, até para ter acesso às políticas públicas oferecidas pelo Estado, benefícios assistenciais e atendimento à Saúde¹².

Da argila ao vaso novo

Marcos Andrade Santos foi o segundo personagem da história contada por Pedro Bassan sobre a vida nas ruas do Rio de Janeiro (Figura 1). Cearense, pai de duas filhas, disse que transitava de um estado a outro desde 2009 devido a conflitos familiares e aos problemas decorrentes do vício em drogas. Porém, ele não estava sozinho, tinha a companhia de Priscila, sua cadela de estimação.

¹¹ Disponível aos 15min45s em: < <http://suzanarozendo.blogspot.com.br/2009/09/documentario-droga-de-rua.html>>. Acesso em: 20 maio 2013.

¹² Disponível em:< <http://odia.ig.com.br/noticia/rio/2013-05-16/censo-mostra-que-maioria-da-populacao-de-rua-nao-bebe-ou-usa-drogas.html>>. Acesso em: 22 maio 2013.

Figura 1



Fonte: *Rede Globo*

Ao caminharmos pelas regiões centrais das cidades, não é raro nos depararmos com outros tantos Marcos: pessoas dormindo nas calçadas junto de um fiel companheiro canino. Para quem está em situação de rua, o cachorro têm dois propósitos. O primeiro deles é a estimulação, muitos se sentem solitários mesmo estando em meio à multidão das megalópoles, e o animal ajuda a amenizar a solidão. A segunda finalidade é a proteção: o bicho tem o sono mais leve e pode avançar caso alguém queira fazer alguma maldade com o seu dono durante a noite.

O jornalista Pedro Bassan contou com a ajuda de Marcos para encontrar um papelão que serviria como leito. Nas palavras do repórter: “Quem dorme na rua tem de sair toda noite em busca da própria cama”. Entretanto, o motivo disso não foi explorado na reportagem. O que acontece é que o Estado conta com diversas políticas higienistas para recolher toda “sujeira” (como o papelão, por exemplo) que macula os centros turísticos e comerciais. Em cada Estado, tal prática ganha um nome. Na cidade do Rio de Janeiro, esse tipo de operação é chamado de “Choque de Ordem”; no município de São Paulo é “Cidade Limpa”. Por isso, as pessoas que dormem nas ruas costumam esconder seus pertences em bueiros, em cima de pontos de ônibus ou pendurados em árvores.

No Rio, o “Choque de Ordem” foi criado pela Secretaria de Ordem Pública com o objetivo de pôr um fim à desordem urbana, “grande catalisador da sensação de insegurança pública e a geradora das condições propiciadoras à prática de crimes, de forma geral¹³”. Com

¹³ Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=87137>>. Acesso em: 17 maio 2013.

raízes fincadas no período do imperial, o projeto higienista de urbanização impulsionou a criação de várias instituições que visavam isolar os cidadãos de rua dos demais estratos populacionais (ROZENDO; ROZENDO, 2011). Por isso, essa operação costuma, inclusive, assepsiar os locais onde dormem essas pessoas, “resgatando-as” e levando-as para abrigos da Prefeitura.

Entretanto, esse assunto também não foi explorado na narrativa de Bassan. Certamente, alguns espectadores podem ter se perguntado: por que Marcos fica nas ruas se existem albergues públicos disponíveis?

Em uma página da edição setembro/outubro de 2010 da revista *Ocas*” foi divulgado o “Relato do Descaso”, texto produzido por desabrigados do Fórum permanente sobre a população adulta em situação de rua do Rio de Janeiro. Nesse relato, eles explicam a calamidade de um abrigo municipal: superlotado, com os banheiros contaminados e sem condições de uso, sujo, desorganizado, colchonetes imundos de fezes e urinados, pessoas com doenças psíquicas dividindo o mesmo ambiente com pessoas sãs, uso de drogas, prostituição (práticas proibidas dentro destes estabelecimentos) e vistas grossas dos funcionários por medo de ataques pessoais.

Além disso, Alessandro Padin (2007), ao estudar a comunicação presencial das pessoas em situação de rua na capital paulista, concluiu que o vínculo comunicativo se dá de forma verticalizada nas instituições públicas: “Não se inclui aí nenhuma possibilidade do restabelecimento das relações horizontais de comunicação” (PADIN, 2007, p. 32).

Outro motivo que faz com que algumas pessoas optem por dormir debaixo de marquises a ir para abrigos da prefeitura é que lá elas “perdem o nome e viram um número”: casais são proibidos de ficar juntos, o horário para levantar é por volta das cinco da manhã e, depois da primeira refeição do dia, não podem mais ficar no abrigo, são obrigados a voltar para as ruas e regressar apenas ao anoitecer. Para quem está acostumado com um modo de vida desregrado, tantas normas são inaceitáveis.

Voltando à participação de Marcos no *Globo Repórter*, ele relata que na última conversa por telefone com a família preferiu dizer que estava preso a revelar que estava em situação de rua. Esses pudores são recorrentes em homens que saem do Norte ou Nordeste em busca de trabalho em São Paulo e no Rio de Janeiro. Muitos migrantes deixam suas casas sem

ter a noção do custo de vida em uma metrópole. Quando o dinheiro acaba, “caem nas ruas”, mas não têm coragem de dizer a verdade ou de pedir ajuda para seus familiares. Longe de casa e sem afeto dos entes, o que geralmente acontece é a progressão do grau de inserção desses sujeitos nas ruas e o início de consumo e abuso de drogas lícitas ou ilícitas.

Brognoli (1996) cita que o álcool vai além de um vício: atua como suporte de vida cotidiana desenrolada em público, serve para reduzir a inibição na hora de pedir dinheiro, “anestesia” o frio, a fome, as dores físicas e as lembranças ruins, além de ser um reforçador dos laços interpessoais flutuantes.

De volta ao programa jornalístico, durante a madrugada, Marcos Andrade Santos e outros companheiros iniciaram uma discussão com alguns jovens que tinham acabado de sair de uma casa noturna. Algumas imagens foram mostradas e um policial tentou apaziguar uma possível agressão. “Foi só um susto”, ponderou Pedro Bassan.

O motivo do assombro não foi revelado. O que faz com que homens “invisíveis” iniciem um diálogo amigável ou até mesmo uma discussão com jovens classe média ou classe média alta? Durante a produção de nosso Trabalho de Conclusão de Curso, descobrimos que é o mesmo motivo que faz com que pessoas do “asfalto” interajam com as do “morro”: compra ou venda de entorpecentes.

A história de Marcos não termina ainda. Uma mulher que passava pela calçada durante a discussão chamou o rapaz para conversar e convidou-o para visitar um centro de recuperação de viciados em drogas ligado à igreja Assembleia de Deus. Ele aceitou. Dez dias depois, um novo encontro entre entrevistado e repórter. Desta vez, a mesma pessoa, mas um personagem diferente: bem trajado, barba aparada, mais animado e sorridente. “A vista é bela. Sente o cheiro da natureza, é isso que Deus nos dá: a liberdade. Não quero ficar preso naquele mundo, não. Que mudança grande na minha vida!¹⁴” (informação verbal).

Marcos não ficava mais na rua. Sua situação havia mudado. Naquele centro de recuperação, estava participando de um processo para tentar se livrar do álcool, da maconha e da cocaína. E o bloco termina com Marcos ouvindo a leitura da bíblia, depois rindo, feliz, pulando de um lado para o outro.

¹⁴ Disponível aos 11min em: < <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/05/pedro-bassan-dorme-sob-marquises-e-experimenta-dificuldades-de-quem-nao-tem-quase-nada.html>>. Acesso em: 20 maio 2013.

O modo como essa parte foi contada, seguramente, fez muitos telespectadores irem às lágrimas. Porém, essa mudança radical em curto prazo nem sempre tem um final tão feliz assim. Dez dias depois do afastamento voluntário do convívio com os colegas de rua, a igreja havia feito com Marcos o que é popularmente conhecido como “lavagem cerebral”. O mesmo aconteceu, em 2008, com Francisco Assunção, personagem do documentário “Droga de Rua”, jovem de 22 anos que cresceu nas ruas, sem referência familiar, já citado neste texto. Francisco era uma “ovelha” do projeto “Almoçando com Jesus”, ligado a uma igreja evangélica de Campo Grande/MS. No momento em que estava “no fundo do poço”, foi resgatado e, como costumam metaforizar os líderes religiosos, tornou-se um “vaso novo”. Vejamos algumas partes de seu testemunho:

Aí do cigarro você já quer conhecer outras coisas, você já quer cerveja, depois do baseado, você começa a conhecer as coisas mais forte [sic]. (...) Usava droga de besta que a gente é porque o cara que é esperto, ele não usa, né? (...) Aqui é assim que funciona, *uma clínica espiritual sem remédio, sem intoxicar as pessoas, porque você sair de uma droga e entrar em outra não compensa.* (...) Você chega em casa, pega o pagamento e tal, se alguém desfaz de você assim, aí você vai e toma umas duas cervejas. Aí já vem aquela vontade, aí você fala, puta...agora eu vou dar uma paulada mesmo. Então o demônio já vem com o garfo assim e já crá¹⁵ (informação verbal, grifo nosso).

Francisco tinha se tornado um religioso convicto, trabalhava para a Igreja recrutando novos fiéis em situação semelhante à sua, era testemunha de que a fé poderia mudar. Em troca dessa missão, recebia alimentação e pouso nas dependências da igreja. Usava roupa social e estava sempre garboso nos cultos. Porém, na pós-produção do videodocumentário, quando fomos mostrar o resultado do trabalho (o vídeo finalizado), ele já não estava mais na igreja.

Através de pistas que foram dadas em suas entrevistas ao longo do ano, conseguimos chegar ao endereço de sua namorada. Lá, a mulher contou que, certo dia, Francisco se desentendeu com um colega do projeto e, revoltado, fugiu para fumar pasta base. Ela disse que ele aparecia para vê-la esporadicamente. Para a nossa surpresa, o rapaz estava nas redondezas daquele bairro de periferia e, ao ser avisado pelos vizinhos que estávamos em sua

¹⁵ Disponível aos 31min27s em: < <http://suzanarozendo.blogspot.com.br/2009/09/documentario-droga-de-rua.html>>. Acesso em: 20 maio 2013.

procura, ele chegou ao nosso encontro com a roupa maltrapilha, sujo de barro e olhos avermelhados. Estava viciado novamente.

Como se vê, o trabalho realizado pela igreja é bastante válido, muitas vezes mais efetivo que as ações do Estado na recuperação de pessoas com dependência química. Porém, como frisado no relato de Francisco, em geral, esses tratamentos não funcionam em conjunto com um acompanhamento médico, ficam apenas na esfera psicológica. Por isso, diante da vulnerabilidade dos viciados em recuperação, é bem comum haver recaídas que culminam com o regresso para as ruas.

Um fragmento da realidade

Depois que a edição do dia 10 de maio de 2013 do *Globo Repórter* foi ao ar, o jornalista Pedro Bassan divulgou na página do programa um relato pessoal de sua experiência desafiadora. “Eu tive sorte no local escolhido para a reportagem. A turma que dorme debaixo daquela marquise é ordeira, amiga dos comerciantes ao redor, e cuida daquele pedaço de calçada como se cuidasse do próprio quarto¹⁶”. Entretanto, essa amostragem faz parte apenas de um fragmento da realidade, pois a relação entre população de rua e comerciantes, na maioria das vezes, é bastante conflituosa.

De um lado, os comerciantes não querem nada nem ninguém que atrapalhe sua atividade econômica, muito menos mau cheiro e sujeira na porta de seu estabelecimento comercial. Do outro lado, os sem-teto que precisam de um toldo para dormir debaixo, em caso de intempéries. Para evitar a aglomeração de gente debaixo das marquises, muitos proprietários jogam óleo queimado na calçada ou deixam o chão chapiscado de cimento. Em defesa dos desabrigados, o ex-bancário José Fernandes Junior, em situação de rua há oito anos na cidade de São Paulo:

Em geral a sociedade tem um preconceito muito grande. As pessoas pensam muito curto e subjulgam essa pessoa como alcoólatra, porca, vagabunda. Elas não pensam que as pessoas que dormem em frente ao comércio e, eventualmente, urinam na frente deste comércio, não tinham outra possibilidade de banheiro público em determinado horário da madrugada. As pessoas fazem um julgamento dessa pessoa sem dar a menor possibilidade

¹⁶ Disponível em: < <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/05/saudade-dos-amigos-que-deixei-por-la-diz-pedro-bassan-sobre-experiencia-na-rua.html> >. Acesso em: 21 maio 2013.

do réu se manifestar. Então é complicado isso aí, é uma situação que a pessoa vai perdendo a autoestima (informação verbal)¹⁷.

Para finalizar a narração de sua experiência no site do *Globo Repórter*, o jornalista Pedro Bassan fez uma indagação e ele mesmo apresentou uma resposta. “Mas se parecem ter portas abertas para um destino fora das ruas, por que não saem dali? Porque *a grande maioria* está presa às drogas, que já provocaram o rompimento de todos os laços familiares” (informação verbal, grifo nosso). Mais uma fração correspondente à amostragem do público que ele conheceu durante a produção do material jornalístico. Um levantamento realizado pelo Núcleo de Direitos Humanos da Defensoria Pública do Estado na região metropolitana do Rio de Janeiro para traçar o perfil dessa população e criar frentes de cidadania derruba a opinião do jornalista: dos 1.247 entrevistados, 62% não usam drogas; 65% não bebem; e só 13% são analfabetos¹⁸.

Considerações finais

Eles estão por toda parte, mas quase sempre são tratados como “invisíveis”. Apesar de serem pensados como iguais, são bem diferentes e as causas que os fizeram “morar” nas ruas, também. Ao “caírem no mundo” e se depararem com as dificuldades de sobrevivência, criam rotinas e laços afetivos com aqueles que estão nas mesmas circunstâncias ou isolam-se por medo da violência. As ajudas de caridade ou assistencialistas suprem as necessidades mais básicas: alimentação, vestimenta e higiene. Para uns, isso significa subsistência, para outros acomodação.

Muitas vezes transgridem leis e não se submetem a regras; outras vezes são vítimas da violação do governo e do desprezo da sociedade. São considerados cidadãos em pleno gozo de seus direitos políticos e civis, porém, por inúmeros motivos, não têm a mesma condição que a maioria do povo perante o Estado. Como dito no início do texto, o conceito de cidadão designa uma gama excessivamente ampla de situações daqueles que vivem na cidade, sobretudo os pobres, vulneráveis e marginalizados. A análise de uma parte da edição do dia

¹⁷ Depoimento dado para a produção da dissertação de mestrado intitulada *Ocas”e Hecho en Buenos Aires: um outro tipo de jornalismo na América Latina?*, defendida em julho de 2012 pelo PosJor da Universidade Federal de Santa Catarina (ROZENDO, 2012, p.52).

¹⁸ Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio/2013-05-16/censo-mostra-que-maioria-da-populacao-de-rua-nao-bebe-ou-usa-drogas.html>>. Acesso em: 20 maio 2013.

10 de maio de 2013 do *Globo Repórter* nos indica que relacionar a cidadania com a população de rua é um grande desafio.

Os 11 minutos e 41 segundos de programa aqui discutidos apresentaram muitos deslizes e acertos. O primeiro “tropeço” foi o uso irresponsável do termo “moradores de rua”. Perda de emprego, conflitos familiares, alcoolismo e drogadição são situações reversíveis, por isso, essas pessoas devem ser consideradas em situação de rua.

Em conteúdos jornalísticos que tratam de públicos heterogêneos, deve-se, sempre, optar por termos menos pejorativos, afinal o papel do profissional da imprensa é o de desmistificar as ideias do senso comum e não o de reforçar estereótipos. Outra falha que podemos apontar foi a superficialidade com que algumas situações foram mostradas: por que eles precisam montar uma cama todos os dias? O que motivou a discussão com jovens que saiam da boate? Por que dormem na rua se existem albergues públicos? São perguntas que ficaram sem resposta no programa.

Por outro lado, o material analisado também apresentou alguns acertos: primeiramente pela escolha da temática. Voltar os olhos para esse grupo minoritário já pode ser considerado um grande avanço. A seleção do método para contar as histórias foi cativante. Apresentar ao público as caravanas de distribuição de comida ajudou a quebrar o mito de que as pessoas nas ruas morrem de fome. Mostrar que, muitas vezes, as ações religiosas e de caridade são mais efetivas que as do governo na recuperação de viciados é uma forma de pressionar o poder público a tomar medidas mais efetivas e menos paliativas.

Além disso, expor a transformação na vida de Marcos (mesmo que de forma romantizada) foi importante para que a sociedade perceba que é possível uma pessoa sair da situação de rua. Para isso, ela precisa, dentre outras coisas, ter vontade de mudar de vida, receber afeto, atendimento médico (se necessário), ser acolhida por meio de um diálogo horizontal (sem coerção) e ter uma nova oportunidade (de trabalho ou moradia).

Evidentemente que todas essas críticas devem ser ponderadas e relativizadas. Sabemos que no exercício do jornalismo as escolhas sempre são necessárias: da seleção do personagem ao tipo de angulação. A construção de uma nota, notícia ou grande reportagem passa por diversos filtros humanos, editoriais e empresariais. Também levamos em consideração que o tempo na TV é limitador e que a edição do material teve de ser curta para ser adequada ao formato de um bloco do *Globo Repórter*.

É importante deixar claro que em momento nenhum nossa intenção não foi depreciar o trabalho do jornalista Pedro Bassan. Entretanto, defendemos que é preciso ter uma atenção especial nas coberturas jornalísticas de grupos minoritários que estão em condições menos favorecidas. Nas palavras de Carlos Lacerda: “Não se exige do carpinteiro que levante paredes, do pedreiro não se espera que empalhe cadeiras. Pois do jornalista não se exija que construa senão aquilo que lhe é próprio construir: uma opinião pública bem informada, atenta, vigilante, esclarecida” (LACERDA, 2003, p.27).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROGNOLI, Felipe Faria. **Trecheiros e pardais**: estudo etnográfico de nômades urbanos. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível na Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo: www.direitoshumanos.usp.br
- LACERDA, Carlos. **A missão da imprensa**. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- LANNA, Ana Lúcia Duarte. Cidade colonial, cidade moderna no Brasil: pontos e contrapontos. In: **SHCU 1990 Seminário de história da cidade e do urbanismo**. v. 4, n. 3, 1996.
- MATTA, Roberto da. **A casa e a rua**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MATTOS, Ricardo Mendes. **Situação de rua e modernidade**: a saída das ruas como processo de criação de novas formas de vida na atualidade. 2006. 244f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Marcos, São Paulo, 2006.
- PADIN, Alessandro. **A comunicação presencial de sem-teto na cidade de São Paulo**: a produção e distribuição da Revista Ocas”. 2007. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PAIVA, Raquel. Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto. In: **Matrizes**. v. 6, n. 1, jul./dez, 2012, p.63-75.
- RELATO DO DESCASO. In: **Revista Ocas**”, n. 73, set./out, 2010, p.8.
- ROZENDO, Suzana; ROZENDO, Adriano. Vida de rua: experiências, caminhos e desvios. In: **Revista de Psicologia da UNESP**, n. 10, v. 2, 2011.
- ROZENDO, Suzana. **Ocas” e Hecho en Buenos Aires**: um outro tipo de jornalismo na América Latina?.2012. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **População de rua**: quem é, como vive e como é vista. São Paulo: Hucitec, 1994.